

FIM

DI CAVALCANTI

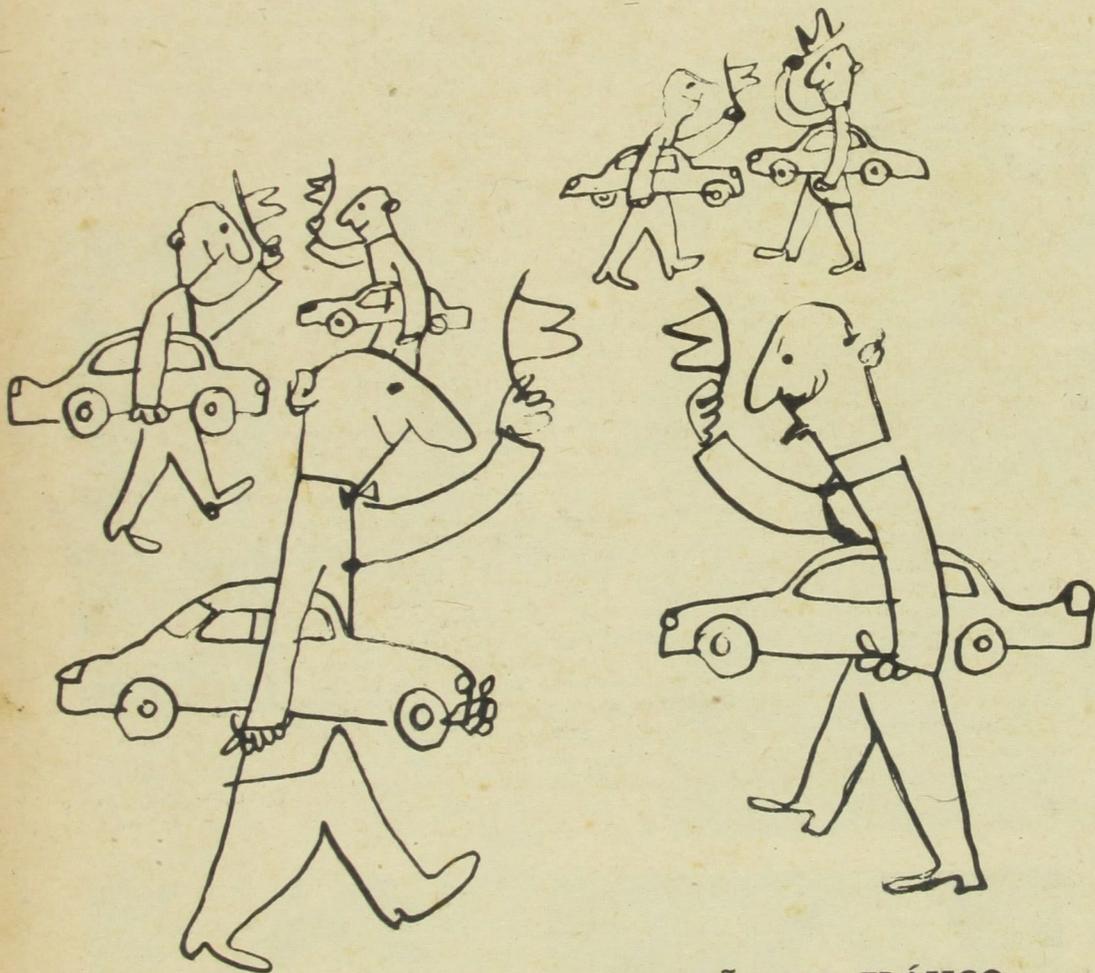
Sim, aqui estão os tormentos,
Os tormentos fazem bem
São os únicos alimentos
Que não nos custam vintém.

Não mais gastarei a vida
Pois curta ela se faz
E a velhice prevenida
Não gosta de andar demais.

Ao lado de minha cova
Ficarei calmo esperando.
Sei que a morte é a coisa nova

Que andam me anunciando,
E de lá terei a prova
Não sei como e não sei quando.

Emiliano Di Cavalcanti, um dos melhores pintores brasileiros de todos os tempos, nasceu na rua do Riachuelo, Rio de Janeiro, em 1897, e abandonou no meio o curso de Direito. Guilherme de Almeida (na comemoração do cinquentenário de Di) contou que ele chegou a S. Paulo "com um terno de Nagib e um cartão de Bilac"; mas em 1922 ele é o principal responsável pela organização da Semana de Arte Moderna. Viveu na Europa de 1923 a 1926 e de 1936 a 1940, expôs em tôdas as grandes capitais, tem quadros espalhados pelo mundo e de vez em quando fabrica um poema. O soneto torto que publicamos é inédito; não será um modelo de técnica, mas tem poesia — o que, afinal de contas, já é alguma coisa para um poema — Di está escrevendo suas memórias.



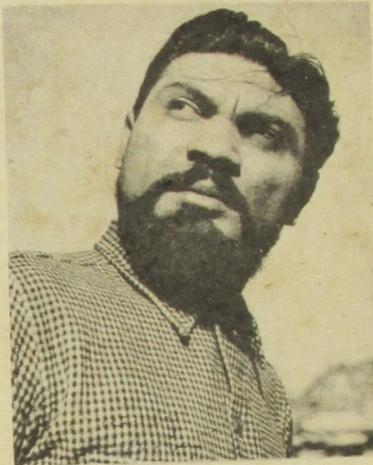
SOLUÇÃO DO TRÁFEGO

Concurso de Traduções

O concurso que abrimos para a tradução de um soneto do poeta norte-americano E. E. Cummings despertou interesse: já temos umas trinta traduções na gaveta. O prazo para a entrega das traduções foi prorrogado para 31 de Dezembro. Apelamos aqui para os tradutores de poemas ingleses mais conceituados — Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Guilherme de Almeida, Onestaldo Penafort, Abgar Renault, Paulo Mendes Campos, etc. para que também traduzam o belo poema. Haverá lindos prêmios, além dos já anunciados. Atendendo ao pedido de vários interessados, voltamos a publicar o soneto, que não tem título:

it may not always be so; and i say
that if your lips, which i have loved, should
another's, and your dear strong fingers clutch
his heart, as mine in time not far away;
if on another's face your sweet hair lay
in such a silence as i know, or such
great writhing words as, uttering-overmuch,
stand helplessly before the spirit at bay;
if this should be, i say if this should be --
you of my heart, send me a little word:
that i may go unto him, and take his hands,
saying, Accept all happiness from me.
Then shall i turn my face, and hear one bird
sing terribly afar in the lost lands.

GENTE DA CIDADE



Antônio Bandeira
pintor

Em Fortaleza um ferreiro trabalha, dá duro na "orquestra do ferro e do malho" como dizia um hino antigo de mau gosto; prospera, tem quatro filhos varões que o ajudam como torneiros e fundidores, monta uma fundição de ferro e bronze, tem mais duas filhas, e quando lhe vem o sétimo fruto de seus amores legais faz questão que esse tenha vida melhor, estude, seja doutor. Assim o menino Antônio Bandeira, nascido em 1922, é entregue aos "papos brancos", isto é, aos irmãos maristas do Colégio Cearense do Sagrado Coração; ali faz o curso primário e o ginásio, depois vai para o Colégio São João fazer o clássico. Revela-se, entretanto, um bom desenhista, e os pais o confiam à boa e famosa professora Mundica, que pinta cegonhas em almofadões e crepúsculos orientais em tapetes; Antônio copia de cartões postais com paisagens de neve, cabeças egípcias e romanas, aprende a lidar com pinceis finíssimos e a trabalhar com extremada minúcia, a usar todos os materiais, inclusive a areia prateada. Sua obra prima dessa fase é uma natureza morta; "só a casca do abacaxi levei um mês fazendo, também no fim só faltava cheirar e dizer "bom dia", pois espetar espetava".

Ter-lhe-á sido útil esse artesanato feminino, mas a certa altura ele não pode mais. Deixa de lado as estampas coloridas e resolve pintar simplesmente uns mombombos e cajueiros que são a paisagem do fundo da casa de dona Mundica; compreende que se libertou.

Em 1940 reina a inquietação em Fortaleza, funda-se um "Centro Cultural de Belas Artes" que era também um pouco de tudo, aluga-se velha mansarda antes sede do "Clube do Violão", tudo que é intelectual se junta ali, há dois pintores consagrados, Raimundo Cela e Gerson Faria, aparece Inimá que retoca ampliações de fotografias para ganhar a vida e faz pintura por gosto, o artista Mário Baratta (com dois tt) aparece o francês Jean-Pierre Chabloz que se casa com cearense, faz música e pintura estimula todo mundo, e há também "os meninos" — são Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Antônio Girão Barroso, Fran Martins, muitos mais. Aos domingos os jovens pintores saem para o campo como os primeiros impressionistas (cujos álbuns eles mandam vir de Buenos Aires, fazendo vaquinha) e pintam praticamente todos os metros quadrados e curvos do Morro do Moinho. Além de paisagens Antônio Bandeira pinta gente pobre, cenas de trabalho, inclusive na fundição paterna; faz o que hoje se chama néo-realismo ou pintura

social. Fala-se d'ele, seu retrato aparece em jornais e revistas, mas tudo isso não dá dinheiro algum. O pai, entretanto, não se aborrece em demasia com isso, dá dinheiro para que ele venha em 1945 ao Rio fazer uma exposição e começar seus estudos superiores.

A exposição, com Chabloz e Inimã na Galeria Askansi, é bem recebida pela crítica e mesmo rende algum dinheiro. Raymond Varnier, adido cultural da França, gosta das telas do moço cearense, anima-o a pleitear uma bolsa do governo francês. E depois de 11 meses de Rio lá vai Antônio para a França, com o escultor Pedrosa, o crítico Mário Barata (com um t) e o cineasta Paulo Emilio. Mora na Cidade Universitária, frequenta a Escola Superior de Belas Artes, estuda desenho, gravura e pintura e para ter modelos baratos passa ainda pela "Grande Chaumière" e pela "Academia Julian". Resolve usar uma grande barba; a mesma que começara a deixar crescer em Fortaleza mas fora interrompida pelo serviço militar — "soldado não tem barba" — dissera-lhe um tenente do 29 B.C., ríspido — e depois pela sua mãe — "se não raspar essa barba horrível não pode ir para o Rio". Em Paris sua barba floresce; a essa altura já mudou de Montparnasse para Saint Germain des Prés, cuja efervescência começa. Bandeira é um dos heróis desse "existencialismo" frenético, seu quartel general é a "Rhumerie Martiniquaise" e seu nome aparece nos jornais e revistas; não há quem não conheça no "quartier" esse brasileiro escuro e barbudo de olhos doces, e alguém diz com verdade que as louras francesas se dividem em dois grupos: as que têm medo d'ele e as que o adoram.

"Banderrá" é popularíssimo nas madrugadas, e serve de guia para brasileiros. Liga-se ao pintor alemão Wols, ilustrador de Sartre, e sofre sua influência, e a Camille Bryen; os três formam um grupo e um nome (com suas primeiras sílabas), "Banbryols", que pratica o abstracionismo e o rum de Martinica. Wols, mais velho, estoura de tanto beber rum, Bryen conquista um grande nome e Bandeira, depois de várias exposições, volta ao Brasil em 1950 — mas deixa a barba em Paris.

Passa 4 meses no Ceará, viaja pela primeira vez pelo interior, impressiona-se, comove-se. A pintura moderna que mais o interessa é de Klee, Wols e Miró; mas o velho amor ao impressionismo parece tanto preservá-lo do abstracionismo como impedi-lo de concordar com o academismo populista dos "sócios". Faz "cidades", "árvores", "sêres" que têm sua realidade dentro da composição e das cores, mas ultimamente parece sentir uma certa nostalgia do desenho. Pela sua delicadeza peculiar ele domina melhor o guache que o óleo; ganhou este ano o prêmio de viagem ao país do Salão Nacional e também, com surpresa (entre os concorrentes estavam os melhores especialistas) o primeiro prêmio do concurso de cartazes de propaganda da Bienal.

Fez um painel no Instituto dos Arquitetos de S. Paulo e vai fazer outro para o Estado, no Parque de Água Branca e começam a crescer as encomendas de trabalhos seus, e esse boêmio insone é um trabalhador sério e honrado que não brinca com a própria arte. Teve aceitos os cinco trabalhos que mandou para a Bienal, foi convidado (e aceitou) para fazer uma exposição em uma galeria nova de Paris e vai expor pelo Natal na Livraria Francesa em S. Paulo; também está pensando em mostrar suas telas novas no Rio. O filho do ferreiro Bandeira, que esteve quase naufragando na "Rhumerie", é um dos valores mais certos da jovem pintura brasileira, e às vezes tem seus ataques de lirismo: "ah, quando você falar daquele grupo de Fortaleza não deixe de pôr o nome de Angélica, a noça bonita de Quixadá que usava cabelos compridos..."

Confessa que fez alguns poemas em "argot".

R. B.



FUTEBOL NA RUA

Vejo, numa seção de queixas e reclamações, a carta de um leitor que reclama contra os operários de uma obra. Esses operários, na folga do almoço, improvisam um futebol na rua e promovem grande algazarra incomodando não apenas os moradores como as pessoas que pretendem passar pela rua, especialmente senhoras, etc. O missivista reclama providências à autoridade.

Pois eu acho que uma das coisas que ainda salvam o Brasil é a desorganização da máquina administrativa. No dia em que essa gente do governo realmente se organiza e começa a tomar providências de verdade, estaremos perdidos. Não há, felizmente, nenhuma autoridade que se dê ao trabalho de ler o jornal, anotar o endereço e ir providenciar. E os operários daquela rua, como os da minha, continuarão a bater sua bola — pelo menos até o dia em que quebrarem a vidraça de um sujeito importante.

Ainda hoje me sento no braço de uma poltrona, junto à janela, para assistir o jogo. Uns vinte jogadores descalços travam a peleja num pequeno campo de asfalto de uns quinze metros de comprimento, entre os dois "goals" assinalados a tamancos e chapéus. A bolinha de borracha vermelha desaparece entre aquele monte de pés. Aquêles homens que já trabalharam três horas, e têm pela frente mais cinco, esvaziam depressa suas marmitas para chutar bola. São negros, mulatos e brancos que trocam bravas caneladas, cor-

rem, gritam, dão risadas. Um ou outro operário mais velho ou arredio fica sentado no meio-fio a apreciar a "pelada", que é ao mesmo tempo alegre e violenta. De repente bate a sineta do meio-dia — e eles voltam para o batente.

Nessa cidade que vai ficando tão triste, tão irritadiça, tão neurastênica, esse é o espetáculo mais sadio e alegre que assisto todo dia. Pode ser que uma senhora ou outra que atravesse aquele trecho de rua durante aquela meia hora fique apreensiva com medo de uma bola na cabeça — porque, como a rua é muito estreita, às vezes acontece que os extremos "escapam" pela calçada. Assim mesmo acho que para uma senhora é melhor flanquear um jogo de futebol que passar diante de uma longa fila de operários, sentados, sem ter o que fazer.

O jogo, na verdade, já tem uma assistência formada. Uns ficam na janela, ~~começa~~. Outros vão lá fora espiar, e chutam a bola quando ela sai de campo. E essa é a meia hora mais agitada e alegre de nossa rua, ~~na~~ meio ~~triste~~ sem graça.

Eu tenho medo de que mude para ali algum sujeito importante. Ai sim, as autoridades vão "tomar providência". O neurastênico ficará satisfeito por ter "acabado com aquele absurdo" e se gabará disso para mostrar sua importância. E nossa rua ficará em perfeita ordem, bem comportada e idiota como o Brasil que essa gente pretende organizar... Não, por favor, não organizem este país.

figueira a assistir o jogo.